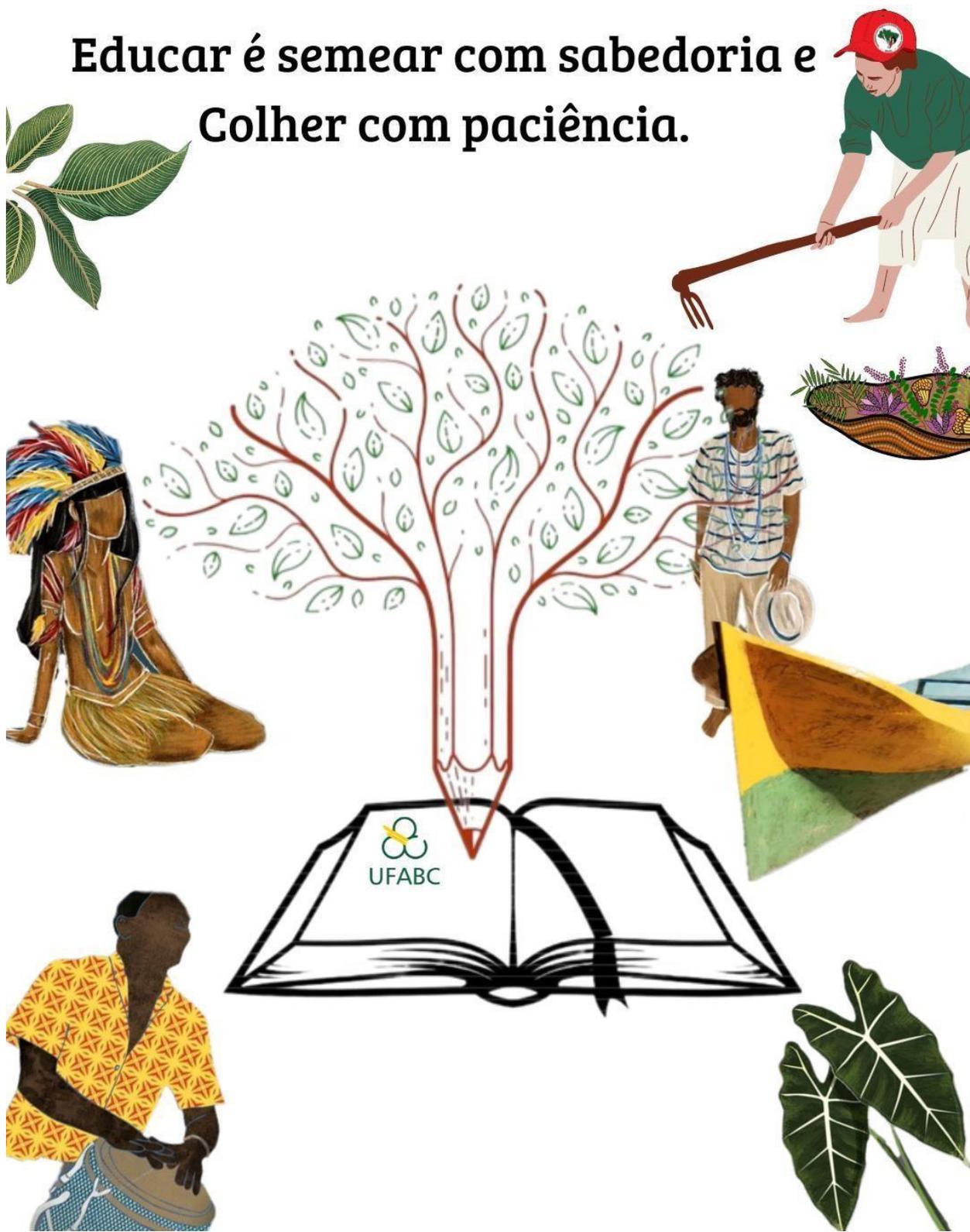




Licenciatura em Educação do Campo

Educar é semear com sabedoria e
Colher com paciência.





Atividade do Componente Saberes e temporalidades tradicionais

Trilha de Acompanhamento 2025.2 BOAS-VINDAS

Indomável, Severo caminhou por estradas, elevou sua voz em discursos, enfrentou os novos donos e o chefe dos trabalhadores. Mudando ele mesmo, em meio ao movimento que parecia crescer em nossas vidas, foi moldando Água Negra, fazendo-a se transformar num lugar diferente.”

Torto Arado, Itamar Vieira Jr.

Estamos muito felizes em receber vocês mais uma vez para iniciar o terceiro quadrimestre do curso de **Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais** da Universidade Federal do ABC (UFABC). Ao terminar esse quadrimestre teremos concluído o primeiro ano do curso! Esse processo tem sido de intenso aprendizado e transformação para nós. Este é um curso interdisciplinar que forma educadoras e educadores para ministrar os componentes de **História, Geografia, Filosofia e Sociologia** comprometidos com a transformação social, com a valorização das culturas e saberes dos povos tradicionais e com produção de conhecimento realizada no campo, articulado às diretrizes nacionais que orientam a formação de educadores/as no país.

SOBRE A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

TEMPO, TEMPO, TEMPO...

Este curso se desenvolve com base em uma organização curricular que prevê etapas quadrimestrais, seguindo o calendário acadêmico da UFABC e ofertadas em regime da **pedagogia da alternância**. **É muito importante que todas e todos envolvidos neste processo pesquise o conceito e práticas desta pedagogia revolucionária.** Para fazer esse processo *acontecer* criamos vários tempos pedagógicos para que o ensino-aprendizagem ocorra. Esses **tempos pedagógicos** acontecerão em vários espaços e serão atravessados por formações que integram trabalho, território e conhecimento!

TEMPO-COMUNIDADE-TEÓRICO (Tct)

É tempo de aula-expositiva-dialogada, estudo de textos, escuta de saberes, roda de conversas com a turma toda reunida no Quilombo da Caçandoca.



Aula realizada no Quilombo da Fazenda

TEMPO DE INTERAÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL (Tic)

É o tempo de trabalho pedagógico em que as/os docentes vão até as comunidades. A turma é organizada em 4 grupos. O trabalho realizado nas comunidades permite atividades focadas e uso do território como recurso educativo de forma mais direta. O território educa! Lembrem-se essa visita envolve duas atividades, uma antes da chegada do/da docente e outra quando a visita termina. Fique atenta/o ao calendário!

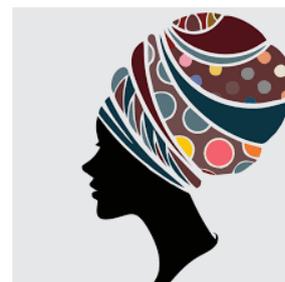
Acesse a página do nosso curso, lá você encontrará o projeto pedagógico do curso, os planos de ensino do quadrimestre e as Trilhas de Acompanhamento.

TEMPO-COMUNIDADE-PRÁTICO (TCp)

É o tempo de trabalho pedagógico prático que ocorre nas comunidades aos sábados. Neste quadrimestre o TCp será realizado no Quilombo da Caçandoca com a turma toda reunida, eventualmente ocorrerão visitas a outras comunidades. Muitas atividades poderão ocorrer neste tempo: interação com ambiente, pesquisas de campo, intervenções, levantamento de dados, andanças e estudos dirigidos...

TEMPO UNIVERSIDADE (TU)

É o tempo de trabalho pedagógico que ocorre em instituição de ensino superior pública, preferencialmente na UFABC, mas poderemos alternar com nosso parceiro Instituto Federal de Caraguatatuba. Neste momento serão propostos *seminários avançados* com diversos formatos e forte presença de saberes acadêmicos e das comunidades tradicionais, com teoria, estudo, arte e cultura. **Esta atividade ocorre com a turma em conjunto.**



<https://prograd.ufabc.edu.br/cursos/lec-chs>

O que vamos estudar? ENSINAR-APRENDER

Interpretações do Brasil: O componente curricular tem como proposta refletir sobre as diferentes interpretações da história do Brasil. Para isso, levará em consideração o quanto determinadas representações são hegemônicas e oficiais, revelando a força de determinados sujeitos. Nesse sentido, também buscará trazer para o primeiro plano grupos sociais e indivíduos por vezes ausentes da história oficial brasileira, complexificando as narrativas. Compreende-se que a partir dessas questões, novas ideias sobre o Brasil sejam debatidas e revelem, em meio aos confrontos e contrastes, as múltiplas interpretações sobre o país. Também será estimulada uma reflexão crítica sobre as lutas sociais e políticas no processo de formação econômica, social, histórica e cultural do Brasil, com destaque para a emergência e desenvolvimento das rebeliões populares (povos originários/indígenas, quilombolas, camponeses, etc), organização do movimento operário-sindical, movimento estudantil e tantas outras manifestações políticas da sociedade civil. Espera-se que os estudantes conheçam as primeiras narrativas sobre o Brasil; problematizem o elogio à colonização portuguesa; a centralidade racial no pensamento social brasileiro; o debate sobre democracia racial; críticas ao racismo brasileiro; vozes dissonantes sobre o Brasil oficial; o lugar das mulheres no pensamento social brasileiro; Debates contemporâneos sobre a interpretação do Brasil. (48 horas/aula)

Paulo Freire: educação para criticidade: Trata-se de se debruçar sobre a obra de Paulo Freire para compreender aquilo que constitui a sua compreensão de educação. De modo específico apreciar-se-á a obra Pedagogia do Oprimido, para compreender o projeto educacional de Paulo Freire, a obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, para conhecer os fundamentos da concepção educacional do Educador e Cartas à Cristina, para saber de alguns aspectos da vida de Paulo Freire. Espera-se que o estudante se familiarize com a linguagem de Paulo Freire; que conheça o sentido de educação na obra de Paulo Freire e sua vinculação com a liberdade e a política; que o estudante identifique os principais aspectos que fundamentam da educação progressista do Educador, em particular, o compromisso da educação com a humanidade; que o estudante saiba de aspectos importantes da vida de Paulo Freire que se vinculam diretamente com sua compreensão da educação. (24 horas/aula)

Estratégias de leitura, escrita e comunicação: Apresentar recursos para a/o estudante se apropriar criativamente da competência histórica da leitura, da linguagem escrita e da comunicação advinda destas formas de expressão no diálogo com outras formas de comunicação, escrita e linguagem. Criar situações coletivas e comunitárias de interação com o texto, bem como demonstrar sua potência para além da aquisição de habilidades de leitura e escrita. Com metodologia extensionista, possibilitar ao estudante interação social e empenho no desenvolvimento de uma ação comunitária envolvendo leitura. Envolver, como resultado de ações, diretamente as comunidades quilombolas, indígenas e caiçaras no contexto de leitura de livros de literatura no cotidiano como forma de mediação da realidade. (48 horas/aula)

Estudos étnico-raciais: Serão estudados os conceitos de raça, etnia, racismo, preconceito, discriminação, diferença, desigualdade, identidade, branquitude, território; identidade, luta social e construção identitária; diversidade e questão étnico-racial no contexto educacional; formas de enfrentamento a discriminações de raça, gênero, etnia, território. Espera-se que os/as discentes façam uma síntese dos principais debates sobre a questão étnico-racial no Brasil. Para tanto, serão estabelecidas discussões sobre conceitos, categorias e reflexões teórico-políticas sistematizadas por intelectuais e pelos movimentos sociais sobre essa questão (36 horas/aula)

Metodologias de pesquisa em educação: Este componente introduz o/a estudante nas principais metodologias de pesquisa utilizadas na área educacional. Especificamente, pretende-se que o estudante seja introduzido ao delineamento e elaboração de projetos de pesquisa, articulando perspectivas teóricas que fundamentam as investigações científicas, objetivos, estratégias de coleta de dados e referenciais para análise que resultam na produção de conhecimento no campo da Educação, em especial aos problemas enfrentados pelas populações do campo (24 horas/aula)

Como acontece o processo formativo na pedagogia da alternância:

Aulas concentradas em um período, atividades nas comunidades e estudos dirigidos! Para que isso ocorra, todas as atividades propostas: aula, leituras, exercícios, diálogos com mestras/es das comunidades, pesquisa de campo, visitas à Universidade, precisam ser realizados semana a semana. O mais importante: **não perder nenhuma atividade**. Os encontros feitos aos sábados, são repostos no domingo seguinte. Faltou no sábado, vá no domingo!

Acompanhe o fluxo que se repete mês a mês: aulas coletivas seguidas das visitas dos docentes. A cada visita vocês têm trabalhos para fazer. Antes e depois de cada visita há atividades propostas pelos docentes. Uma vez por quadrimestre fazemos o tempo Universidade (sexta à noite e sábado).

Os textos básicos que são indicados por cada docente deve ser estudado. Organize-os na pasta sanfonada por componente, leia, grife, faça anotações.

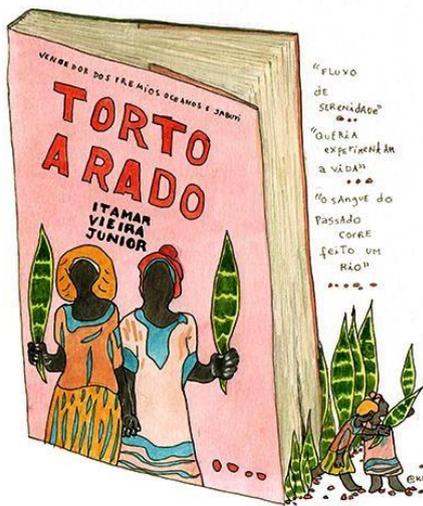
Todo encontro precisa de registro: anote as ideias principais, as teses, os conceitos, os nomes das referências teóricas, os principais problemas, suas dúvidas.

É de fundamental importância que as comunidades comuniquem à coordenação as atividades culturais e políticas realizadas para que possamos integrar calendários nos nossos componentes.

Livros, parentes das cabanas...

Michéle Petit

Com o compromisso de ler livros inteiros ao longo do nosso curso, seguiremos com a leitura de **Torto Arado** de Itamar Vieira Jr ao longo deste quadrimestre.



Karina Kuschnir

“Indomável, Severo caminhou por estradas, elevou sua voz em discursos, enfrentou os novos donos e o chefe dos trabalhadores. Mudando ele mesmo, em meio ao movimento que parecia crescer em nossas vidas, foi moldando Água Negra, fazendo-a se transformar num lugar diferente.”

Itamar Vieira Jr.

“O romance de Itamar Vieira Junior entrou como um furacão na literatura brasileira. Impacto que há muitos anos não vivíamos e justificou a que veio, em um momento em que estão em jogo todos os caminhos futuros do Brasil. Romance definido como prosa melodiosa, com um tom telúrico, belo e comovente. Um dos lançamentos mais importantes nas questões dos problemas raciais no Brasil.”

Ignácio de Loyola Brandão

Projeto Integrador: Resistir exige criar!

Qual o Projeto integrador deste quadrimestre? Como será realizado? Qual a data da entrega? Quem é a educadoras responsáveis por orientar, receber e dar a devolutiva (avaliar)?

O tema do nosso Projeto Integrador deste quadrimestre tem como tema: **Resistir exige Criar**. Essa proposta nasce do desejo de aprofundar a escuta dos territórios, a leitura crítica da realidade e a valorização dos saberes historicamente marginalizados, conectando os componentes curriculares do semestre: **Paulo Freire, Interpretações do Brasil, Estudos Étnico-Raciais e Estratégias de Leitura e Escrita**.

O projeto convida cada estudante, a refletir sobre os vínculos entre *arte, educação, território, ancestralidade e resistência*. Inspirados pela pedagogia *freireana*, pelas obras de **Jaider Esbell** e pela crítica contundente de **Sueli Carneiro** ao epistemicídio, seremos provocados a responder: como transformar nossos territórios em espaços de criação, denúncia, memória e sonho e, principalmente resistência?

Data de entrega: 08 a 10/08/25 -

Orientadora: Nathalia de Oliveira

Orientações:

1. Leia com atenção os materiais indicados no Projeto Integrador.

As questões propostas exigem leitura cuidadosa e análise crítica dos textos. Grife trechos importantes, faça anotações e destaque as ideias principais.

2. Integre os conteúdos dos componentes curriculares.

Um dos objetivos centrais do Projeto Integrador é articular os conhecimentos trabalhados nas disciplinas do semestre: *Paulo Freire, Interpretações do Brasil, Estudos Étnico-Raciais e Estratégias de Leitura e Escrita*. Use os conceitos, autores e debates das aulas para embasar suas respostas.

3. Utilize suas anotações de aula como recurso de apoio.

Releia suas anotações e fichamentos para lembrar das discussões, reflexões coletivas e perguntas feitas ao longo do semestre, elas são fonte rica para conectar teoria e prática.

4. Critérios de Avaliação

- ✓ Integração Curricular
- ✓ Análise Crítica e Fundamentação Teórica
- ✓ Aplicação de Conceitos-Chave
- ✓ Criatividade e Originalidade/Coerência e Clareza na produção do texto
- ✓ Uso Referências teóricos e práticas

5. **É terminantemente proibido fazer uso de qualquer inteligência artificial para realização deste trabalho.** Um dos objetivos do *projeto integrador* é o desenvolvimento da competência histórica da leitura, da escrita, do exercício crítico de cada um/uma de vocês! **Pedir que uma inteligência artificial faça essa tarefa** desenvolve as competências dela, não as de vocês! Além disso, essas tecnologias não são isentas e estão a serviço do grande capital. **Pense nisso cada vez que as alimenta!**

1. **As atividades de orientação do Projeto Integrador acontecerão durante as visitas previamente agendadas, bem como em plantões de atendimento. As datas serão comunicadas com antecedência – fiquem atentas/os aos comunicados oficiais.**
2. **A Questão 7 será realizada no dia da visita e deverá ser entregue na mesma data. Para esta atividade, é obrigatório ter lido, com antecedência, o texto “O epistemicídio de Sueli Carneiro”, disponível neste material.**

Leia as questões abaixo, mas antes de responder as questões faça a leitura e análise dos materiais disponibilizados.

1- Na sua comunidade, ou em comunidades que você frequenta, há intervenções artísticas? Quais? Há na sua comunidade, ou em comunidades que você frequenta, monumentos e arquiteturas coloniais? Quais? Você tem conhecimento sobre algo que havia na comunidade que representava a sua história e foi apagado?

2- De que modo a organização pedagógica em alternância (tempo-Universidade/tempo-comunidade) na Educação do Campo concretiza o princípio freireano da "leitura do mundo antes da leitura da palavra"?

3 -Analisando a experiência de Guiné-Bissau com Freire: como a criação de "museus vivos" comunitários - que ressignifiquem ferramentas agrícolas ou artefatos culturais - podem se constituir em ação cultural para a liberdade, superando a concepção bancária de educação?

4 - Tomando como referência a obra *Pedagogia do Oprimido*, como as mulheres camponesas, indígenas, quilombolas, caiçaras têm utilizado o ativismo (ex.: bordados, teatro, artesanato com conteúdo político) para resguardar sua cultura? É possível identificar nesse ativismo denúncias contra violências sofridas pelas comunidades?

5- Em que medida a experiência de Angicos (1963) antecipa os princípios atuais da Educação do Campo, particularmente no uso de imagens geradoras vinculadas ao contexto rural? Como esse método dialoga com práticas contemporâneas?

6 - Como os afetos coletivos (alegria, raiva, saudade) manifestos nas culturas rurais - através

dos cantos de trabalho, festejos tradicionais ou memórias das lutas por terra - podem se tornar ferramentas pedagógicas freireanas?

7 - Explique o conceito de *epistemicídio* criado por Boaventura de Souza Santos, ampliado e aprofundado por Sueli Carneiro. Como esse conceito se relaciona com o racismo no Brasil e qual sua consequência para a produção de conhecimento pelas populações do campo e comunidades tradicionais?

8 - Sueli Carneiro argumenta que o epistemicídio opera por meio de um "genocídio permanente" que mantém o negro como "*não-ser*". A partir do texto, discuta:

a) Como a deslegitimação do conhecimento negro se articula com a negação de sua humanidade?

b) De que maneira o sistema educacional brasileiro reproduz essa lógica, segundo a autora?

9. A partir dos conceitos trabalhados nos componentes curriculares deste quadrimestre escolha dois deles e relacione-os com obras de Jaider Esbell

Desenvolva sua resposta abordando:

- Os conceitos escolhidos, explique-os e descreva como eles ajudam a interpretar criticamente as obras/materiais selecionados.

10. Jaider Esbell, artista e pensador macuxi, afirmava que a arte indígena "desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo". Sua obra e trajetória convidam a repensar as narrativas hegemônicas sobre identidade, território, ancestralidade e futuro. Inspiradas e inspirados nas obras e no pensamento de Jaider Esbell, criem uma produção artística que dialogue com a ideia de ativismo, ou seja, a arte como forma de resistência, denúncia, reflexão e transformação social. A criação pode assumir diferentes formas: lances, poesias, manifestos, desenhos, colagens, quadrinhos, entre outros.



Carta ao Velho Mundo: Arte Indígena Contemporânea como Ato Decolonial

A obra *Carta ao Velho Mundo* se configura como um potente dispositivo pedagógico para refletir sobre as relações coloniais que persistem no presente. Através da intervenção artística em um livro de arte europeia resgatado de um sebo nordestino, o artista indígena Makuxi Jaider Esbell (Raposa Serra do Sol/RR) constrói um diálogo crítico com a tradição artística eurocêntrica, operando o que Paulo Freire chamaria de "leitura de mundo" contra-hegemônica.

A obra, apresentada na França em 2019, funciona como um manifesto antropográfico - registro que conjuga denúncia política e criação estética. Suas 400 páginas intervencionadas com textos e imagens indígenas sobrepostas às reproduções de arte europeia materializam o que os estudos decoloniais latino-americanos identificam como "epistemicídio": a supressão de saberes ancestrais pelo projeto colonial. O livro passa agora a se chamar *Carta ao Velho Mundo*. A carta ao velho mundo vem também em forma de arte indígena contemporânea. Para os atentos isso é antropografia pura. A carta é endereçada aos lares europeus e seu conteúdo é uma denúncia farta dos séculos de colonização devastadora nas Américas. Com uma explanação panorâmica da atualidade deixa dizer que neste tempo a pressão global do desenvolvimento sobre a natureza faz o genocídio dos últimos povos nativos na Pan-Amazônia. Exterminando a população autóctone é legitimada a exploração total dos recursos até ao subsolo. Em desenhos e textos na língua portuguesa, a carta ao velho mundo ainda facilita o diálogo com toda a terra. Universal, a carta é levada à Europa em mãos pelo artista que é indígena Makuxi da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima. Toda a performance que envolve a criação e a exposição desta obra na França, no ano de 2019, deve ser acompanhada

de um contexto ilustrativo. Primeiro o argumento, a arte. O livro foi adquirido numa loja de livros rejeitados no nordeste brasileiro. Seu conteúdo são 400 páginas com textos e fotos de pinturas europeias iniciando com a arte rupestre. A constante pesquisa do artista em buscar meios de dar vazão e evidenciar os sentidos da arte indígena contemporânea acharam na proposta um veio promissor. Resgatar um livro de arte é mesmo resgatar o sentido da arte e nela injetar uma força de ressignificação, a política global. O encontro da arte indígena contemporânea com a ideia da arte sistemática de matriz europeicêntrica se faz ricamente aqui, na carta ao velho mundo. Sobrepor os textos e as imagens do clássico na arte com mensagens cheias de energia da floresta é uma forma estratégica de fazer chegar no seu destino algo antes nos enviado, o sentido europeu de arte. A aleatoriedade, se é que cabe o termo, em intervir nas páginas do livro, é sim uma forma de mostrar um pouco o sentimento dos nativos quando é violentamente invadido em seu sentido pleno de ser. Alguém pede licença para invadir e destruir? O que dá pra fazer com tudo isso?

Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/03/20/carta-ao-velho-mundo/>

CARTA DOS POVOS INDÍGENAS PARA O CAPITALISMO¹

Jaider Esbel



Eis que estamos vivendo agora, todos nós, o ápice do tempo antropoceno. Se não há futuro para nós, não haverá futuro para ninguém. Esse tempo presente é a última chance que temos para celebrar a vida, a vida com dignidade para todos; homens, animais, minerais, espíritos. Essa carta tem a intenção de convidar toda a humanidade para pensarmos juntos o futuro comum de nossas próximas gerações e isso é mesmo urgente. Eu de minha parte represento, em uma leitura poética, profética, a última ligação dos seres humanos com a essência da natureza, ou seja, a vida em sua origem.

Eu também represento o pensamento dos anciãos de toda a terra e não devemos suportar por vocês essa grande guerra, sozinhos. Eu vou além pois posso ouvir a voz dos que antes viveram e que nos alertaram que a arte é a nossa grande chance de falar de um modo mais verdadeiro. Eu venho de lá, dos cantos mais remotos das florestas virgens. É de lá que venho, da grande Amazônia, de onde os "selvagens" correm para todos os lados sem entender de onde vem o fim do mundo. O fato é que eles sabem, pois podem ver a catástrofe por meio de seus xamãs.

Com muita súplica nos convidam a segurar o céu sobre nossas cabeças com o melhor de nossa sabedoria, a sensatez. Lá, nas florestas virgens, as crianças perdem suas mães, seus pais, irmãos e ficam sozinhas morrendo lentamente vagando envenenadas com o lixo da modernidade por todos os lados. O lixo da modernidade que vocês, os homens donos dos bancos, donos do poder que é o dinheiro alimentam com suas poderosas estruturas de destruição que nunca param. Todo o ouro que antes e ainda mais agora são retirados da terra podem hoje formar um grande espelho e lhes mostrar. O brilho dos diamantes, da prata, forma agora um grande espelho onde pode mostrar para quem pode ver os rastros de sangue que a ganância deixa por onde passa.

Sabemos que é muito simples retroceder. Limpar a natureza de todo lixo industrial, limpar o espírito dos homens desse sentimento morto, frio e insensível que esta oculto nestes prédios tão distantes de nossa realidade. Eu posso ser você nesse caminho da vida mas não podemos ser natureza uma vez que a negamos e ficamos cada vez mais distantes. Ouvir o clamor mundial por justiça social. Aceitar de uma vez por todas que o aquecimento global é uma realidade pois as águas não mentem. O vento não mente, o clima não mente. Falamos sim pelos elementos da natureza já que nós meramente humanos não temos mais direito a nossa própria voz.

Que haja sensatez e muito mais tolerância. Que considerem tecnicamente a possibilidade de investir na estrutura universal pois o amor de vocês foi investido na guerra e a felicidade de vocês está em fazer as pessoas sofrerem em todos os cantos. Não há outro modo de viver por mais que se tenha dinheiro. Devemos sim, aquecer a terra com amor, esse nobre valor desvalorizado. Devemos sim cobrar por justiça e entender que a educação pode mudar o rumo e apontar outro prumo pra que atravessemos o mundo e sigamos vitoriosos deixando tesouros de paz e harmonia, uma forma simples e pura de sermos gratos pelo universo que tudo nos deu e que está muito perto de tudo nos tirar.

Somos iguais em tudo e por tudo digo que não queremos, que não merecemos ficar com o lado pobre desta riqueza comum. Aqui deixo mais uma vez saber que esta voz é uma voz da arte que me criou para andar no mundo mostrando de todas as formas o invisível, isso que não tá na matéria mas que a sustenta. Essa carta é uma representação, eu cá como povo indígena e você aí como o capitalismo cruel e sem coração. Trago um pouco de luz para você. É vermelho nosso sangue, azul a nossa água e não há mais tempo para tanto sofrimento. Lutem conosco, vocês têm poder, assim como nós.

Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/04/03/carta-dos-povos-indigenas-para-o-capitalismo/>

Capítulo 3 – *Do epistemicídio* – Sueli Carneiro in *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de Doutorado)

Demonstrada a existência de um dispositivo de racialidade/biopoder operando na sociedade brasileira como instrumento articulador de uma rede de elementos bem definida pelo Contrato Racial que define as funções (atividades no sistema produtivo) e papéis sociais, este recorte interpretativo localiza neste cenário o epistemicídio como um elemento constitutivo do dispositivo de racialidade/biopoder.

É importante lembrar que o conceito de epistemicídio, utilizado aqui, não é por nós extraído do aparato teórico de Michel Foucault. Fomos buscá-lo no pensamento de Boaventura Sousa Santos (1997), para quem o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.

A formulação de Boaventura Sousa Santos acerca do epistemicídio torna possível apreender esse processo de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do Outro. É o conceito de epistemicídio que decorre, na abordagem deste autor sobre o *modus operandi* do empreendimento colonial, da visão civilizatória que o informou, e que alcançará a sua formulação plena no racismo do século XIX.

Como já referido brevemente ao descrever a violência inerente ao processo colonial, Sousa Santos desvenda dois de seus elementos fundamentais: o genocídio e o epistemicídio. Para Sousa Santos,

“o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais).” (Santos, 1995, p. 328).

Encontramos, a partir dessa concepção, os seus nexos com o estatuto do Outro na tradição filosófica ocidental; na forma pela qual essa tradição integra e exclui a diversidade; e o destino que está reservado ao Outro nessa integração ou exclusão; o contrato racial que a destinação do Outro encerra, e o modelo racial de sociedade que ele projeta: integração

subordinada minoritária e/ou a profecia auto-realizadora da ideologia do racismo. E por fim a possibilidade ou impossibilidade de ruptura com o paradigma que se desdobra em uma forma determinada de integração dos Outros ou sua exclusão. Um adentrar subordinado pela condição de colonizado/tutelado, dependente.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta.

Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações.

O conceito de epistemicídio, assim definido, permite-nos tomá-lo para compreender as múltiplas formas em que se expressam as contradições vividas pelos negros com relação à educação e, sobretudo, as desigualdades raciais nesse campo.

O conceito de epistemicídio nos permite organizar esse conjunto de questões a partir de uma concepção epistemológica norteadora da produção e reprodução do conhecimento que determina as relações acima arroladas, bem como a percepção do sistema educacional sobre o aluno negro. Nessa percepção se encontra subsumida uma interpretação de seu estatuto como sujeito cognoscente; por conseguinte, suas possibilidades intelectuais são presumidas de sua diferença cultural/racial, posto que, como afirma Sousa Santos, "para o velho paradigma, a ciência é uma prática social muito específica e privilegiada porque produz a única forma de conhecimento válido." (Santos, 1995, p. 328) e, nessa percepção, se encontra também o único sujeito cognoscente válido.

Em diferentes pensadores, as esferas de atividade da razão constituirão parâmetros de aferição para o julgamento e validação do *quantum* de racionalidade é identificável em cada grupo humano: auto-controle (domínio de si), como condição de constituição do sujeito moral;

domínio da natureza, como condição de desenvolvimento das técnicas, do progresso, da ciência e do desenvolvimento humano. Serão esses, pois, os eixos essenciais de valoração dos diversos grupos humanos. Os pressupostos instituídos pela racionalidade ocidental, no que tange às possibilidades de conhecer e produzir conhecimento, instituíram ao mesmo tempo as aporias sobre a educabilidade de cada grupo humano.

Em sua antropologia, Kant identifica diferenças inatas entre as raças. Elas abrigariam capacidades e inclinações que seriam grandemente devidas ao meio ambiente. Assim, os trópicos seriam inibidores do desenvolvimento de tipos laboriosos como seria o caso dos negros, ao contrário do que ocorreria nos climas temperados, fator explicativo da propensão dos povos brancos ocidentais, que neles tendem a serem mais laboriosos. O foco das preocupações de Kant é determinar as condições de possibilidade de desenvolvimento da espécie humana da cultura e da civilização e identificar os grupos humanos mais aptos para a realização dessa tarefa. Da classificação das capacidades inatas de cada uma das raças humanas, Kant conclui serem os nativos americanos pessoas fracas para o trabalho árduo e resistentes à cultura. Já os asiáticos seriam tipos humanos civilizados, mas sem espírito e estáticos, enquanto os africanos seriam tipos humanos que representam a cultura dos escravos, posto que aceitam a escravidão, não têm amor à liberdade, e seriam incapazes de criarem sozinhos uma sociedade civil ordenada. Essas características seriam da ordem do caráter moral dos seres humanos, no qual se inscreve o mundo da liberdade do qual os africanos estariam excluídos, por sua natureza individual afeita à escravidão. Segundo McCarthy:

“Essas diferenças de talento e temperamento são o que Kant tinha em mente ao falar das diferenças ‘inatas’ [*angeboren*] entre as raças.²⁷ Como as diferenças raciais são adaptadas em grande parte às diferenças geográficas, as capacidades e inclinações apropriadas a um ambiente podem ser disfuncionais em outro. Em particular, os impulsos mais fracos rumo à atividade, adequados aos climas tropicais, segundo Kant, torna seus habitantes nativos – como os negros, por exemplo – menos enérgicos e industriais que os habitantes nativos das zonas temperadas – como os brancos, por exemplo – e, por isso, menos capazes de auto-aperfeiçoamento.²⁸ Como o desenvolvimento da cultura e da civilização dependem dessas coisas, podemos entender por que, na visão de Kant, o avanço da espécie é, e vai continuar sendo, centrado na Europa” (McCarthy, pdf, p. 5).

A negação da plena humanidade do Outro, a sua apropriação em categorias que lhe são estranhas, a demonstração de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a sua destituição da capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade europeia. O Não-ser assim construído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: auto-controle, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização. No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de “coisa que fala”. Essa visão de incompletude humana atribuída ao negro, assim se expressa em Hegel:

“Toda idéia lançada na mente do negro é entendida e percebida com toda a força de sua vontade; mas esta percepção envolve uma ampla destruição... é evidente que a necessidade de autocontrole distingue o caráter dos negros. Essa condição não é

capaz de nenhum desenvolvimento ou cultura, e tal como nós os vemos hoje em dia, assim sempre foram. A única conexão essencial entre os negros e os europeus é a escravidão... podemos concluir que a escravidão foi a ocasião do aumento do sentimento humano entre os negros". (Hegel, *apud* Gilroy, 2001, p. 101).

Em Hegel acentua-se o tema do auto-controle, que se opõe à disciplina relativos ao negro. Portanto, em sua visão, negros e europeus não compartilham nenhuma conexão essencial, sendo então ontologicamente diferentes, aproximados sob a mediação da escravidão, que constituiria uma forma de "redenção" e, como vimos anteriormente com David Brion Davis, ponto de partida para uma missão divina: elevar "*o sentimento humano entre os negros*" segundo Hegel.

Porém essa fabricação do negro como Não-ser encontra explicação epistemológica em Charles Mills. Como vimos no capítulo anterior, o Contrato Racial abriga três dimensões, entre elas a dimensão epistemológica.⁴⁷ Conforme proposto por Mills essa dimensão é a encarregada de prescrever "normas de cognição com as quais os signatários (do Contrato Racial) têm que concordar." Aqui já situamos o primeiro terreno em que se ampara o epistemicídio, ou seja em normas de cognição consensuadas pelos racialmente hegemônicos que sancionam, segundo Mills, uma inversão epistemológica. Em outras palavras para Mills:

"os requisitos da cognição factual e moral 'objetiva', numa sociedade organizada racialmente são, de certo modo, mais estritos, pois aquela realidade oficialmente sancionada é diferente da realidade propriamente dita. Portanto, aqui se pode dizer que a pessoa concorda em interpretar *mal* o mundo. A pessoa tem de aprender a ver o mundo erroneamente, mas com a segurança de que esse conjunto de percepções equivocadas vai ser validado pela autoridade epistêmica branca, quer religiosa, quer secular." (Mills, 1997 p. 18).

É por essa razão que há quem perceba o racismo e as práticas discriminatórias como fruto da ignorância, pela percepção da inversão epistemológica que ele empreende na apreensão do Outro ou, dito de outra maneira, pela perversão que ele opera. Dessa perspectiva, Mills identifica um paradoxo, pois o Contrato Racial informado por essa epistemologia invertida conduz ao que denominamos de epistemicídio na forma em que ele atinge os racialmente hegemônicos e assim descrito em Mills:

"Portanto, na verdade, nas questões relativas à raça, o Contrato Racial prescreve para seus signatários uma epistemologia invertida, uma epistemologia da ignorância, uma tendência particular de disfunções cognitivas localizadas e globais (que são psicológica e socialmente funcionais), produzindo o resultado irônico de que, em geral, os brancos serão incapazes de compreender o mundo que eles próprios criaram (...) Poderíamos dizer, portanto, como regra geral, que *a interpretação errada, a representação errada, a evasão e o auto-engano nas questões relativas à raça* estão entre os mais generalizados fenômenos mentais dos últimos séculos, uma economia cognitiva e moral psiquicamente necessária para a conquista, civilização e escravização. E esses fenômenos não têm nada de *acidental*: são *prescritos* pelos termos do Contrato Racial, que requer uma certa medida de cegueira e obtusidade estruturadas a fim de estabelecer e manter a sociedade organizada branca." (Mills, 1997 p. 18).

Assim, da destruição e/ou desqualificação da cultura do dominado, o epistemicídio retira a legitimidade epistemológica da cultura do dominador, justificando a hegemonização cultural da modernidade ocidental. No dizer de Boaventura Santos:

“Esta pretensão de saber distinguir, hierarquizar entre aparência realidade e o facto de a distinção ser necessária em todos os processos de conhecimento tornaram possível o epistemicídio, a desclassificação de todas as formas de conhecimento estranhas ao paradigma da ciência moderna sob o pretexto de serem conhecimento tão-só de aparências. A distribuição da aparência aos conhecimentos do Sul e da realidade e da realidade ao conhecimento do Norte está na base do eurocentrismo.” (Santos, 1995, p. 331).

Santos aponta as conseqüências para o conjunto da humanidade da supressão e privação intencional desses conhecimentos subjugados ou sepultados:

“significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento (...) procedeu à liquidação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas.” (Santos, 1995, p. 329).

Essa é uma das conseqüências irremediáveis da dimensão epistemológica do Contrato Racial. Em sua dimensão histórica e existencial enquanto processo inaugural da supremacia branca ocidental tem-se sintetizando as assertivas de Mills. Nesse sentido, colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos. De vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental.

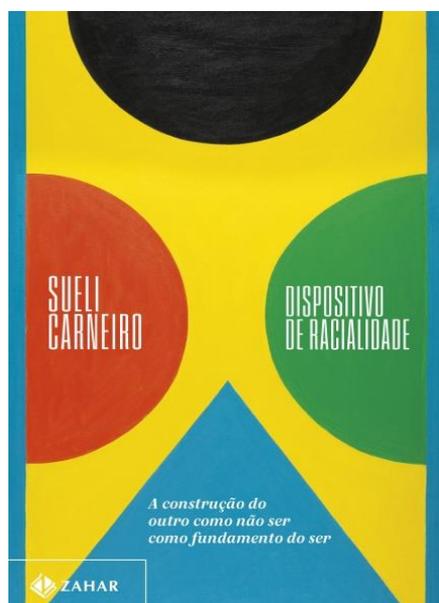
Referências:

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

McCARTHY, Thomas A. On the Way to a World Republic? Kant on Race and Development. Disponível em: <http://www.wcas.northwestern.edu/philosophy/people/Ballestrem.pdf> , p. 5

MILLS, Charles. The Racial Contract. Cornell University, 1997.

SANTOS, S. Boaventura. Pela Mão de Alice. São Paulo: Cortez Editora, 1995.



Calendário - LEC 2º Quadrimestre de 2025

JUNHO 2025

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1	2/6 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca - Interpretações do Brasil Marcelo Buzeto	3/6 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca - Interpretações do Brasil Marcelo Buzeto	4/6 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca Interpretações do Brasil Carolina Bezerra	5 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca Interpretações do Brasil Carolina Bezerra	6 - Aula Coletiva no Quilombo da Caçandoca - Paulo Freire Wesley Adriano	7 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca - Paulo Freire Wesley Adriano *Avaliação do componente Paulo Freire
8/6 - Paulo Freire Wesley Adriano (REPOSIÇÃO da aula do Sábado)	9	10	11	12	13/6 - Visita no Caçandoca Paulo Freire Wesley Adriano	14
15/6 - Visita - Aldeia Boa Vista Paulo Freire Wesley Adriano	16/6 - Visita - Quilombo da Fazenda Paulo Freire Wesley Adriano	17	18/6 - Visita Rancho Caiçara Interpretações do Brasil Carolina Bezerra (convidado)	19	20	21
22	23/6 Quilombo da Fazenda Interpretações do Brasil Carolina Bezerra	24	25/6 - Visita no Rancho Caiçara Paulo Freire Wesley Adriano	26	27/6 Visita no Caçandoca Interpretações do Brasil Carolina Bezerra	28
29/6 - Visita na Aldeia Boa Vista Interpretações do Brasil Carolina Bezerra	30/6 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca Estudos étnico-raciais Regimeire Maciel					

JULHO 2025

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
	<p>**30/6 - Aula coletiva no Quilombo da Caçandoca</p> <p>Estudos étnico-raciais</p> <p>Regimeire Maciel</p>	<p>1/7 - Aula coletiva Quilombo da Caçandoca</p> <p>Estudos étnico-raciais</p> <p>Regimeire Maciel</p>	<p>2 - Aula coletiva - Quilombo da Caçandoca</p> <p>Interpretações do Brasil</p> <p>Marcelo Buzetto</p>	<p>3 - Aula coletiva - Quilombo da Caçandoca</p> <p>Interpretações do Brasil</p> <p>Marcelo Buzetto</p>	<p>4 - Aula coletiva Quilombo da Caçandoca</p> <p>Interpretações do Brasil</p> <p>Carolina Bezerra</p> <p>*Entrega das atividades de Interpretações do Brasil e Paulo Freire: educação para a criticidade</p>	<p>5 - Aula coletiva - Quilombo da Caçandoca</p> <p>Interpretações do Brasil</p> <p>Carolina Bezerra</p> <p>*Avaliação presencial de Interpretações do Brasil</p>
<p>6/7 - (REPOSIÇÃO da aula do sábado e avaliação substitutiva Interpretações do Brasil (Coordenação))</p>	<p>7/7</p> <p>Visita Quilombo da Fazenda -</p> <p>Estratégias de leitura e escrita</p> <p>Profas Malu e Ana</p>	8	<p>9/7 -</p> <p>Visita Rancho Caiçara -</p> <p>Estratégias de leitura e escrita</p> <p>Profas Malu e Ana</p>		<p>11/7 -</p> <p>Visita Caçandoca</p> <p>Estratégias de leitura e escrita</p> <p>Profas Malu e Ana</p>	12
<p>13/7</p> <p>Visita Aldeia Boa Vista -</p> <p>Estratégias de leitura e escrita -</p> <p>Profas Malu e Ana</p>	14/7	15/7	16/7-	17/7	<p>18/7 TEMPO-UNIVERSIDADE [UFABC]</p> <p>Metodologias de Pesquisa educacional</p> <p>Prof. Wesley Dourado</p>	<p>19/7 - TEMPO-UNIVERSIDADE [UFABC]</p> <p>Metodologias de pesquisa educacional</p> <p>Prof. Wesley Dourado</p>
<p>20/7</p> <p>Visita</p> <p>Estudos étnico-raciais</p> <p>Regimeire Maciel e Yarlenis</p>	<p>21/7</p> <p>Visita</p> <p>Estudos étnico-raciais</p> <p>Regimeire Maciel e Yarlenis</p>	22	<p>23/7</p> <p>Visita</p> <p>Estudos étnico-raciais</p> <p>Regimeire Maciel e Yarlenis</p>	24	25	26

AGOSTO 2025

Sexta	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
01/8 Visita Caçandoca Estudos Étnico-raciais Profas Regimeire e Yarlenis	4/8 – Aula coletiva no Caçandoca Estratégias de leitura, escrita e comunicação Profas Malu e Ana Luiza *Entrega da atividade de Estratégias de leitura, escrita e comunicação	5/8 - Aula coletiva no Caçandoca Estratégias de leitura, escrita e comunicação Profas Malu e Ana Luiza	6/8 Aula coletiva no Caçandoca Estratégias de leitura, escrita e comunicação Profas Malu e Ana Luiza *Avaliação de Estratégias de leitura, escrita e comunicação	7/8 – Aula coletiva no Caçandoca de Estudos étnico-raciais Profa. Yarlenis Ileinis	8/8 – Aula coletiva no Caçandoca de Estudos étnico-raciais Profa. Regimeire Maciel	9/8 – Aula coletiva no Caçandoca de Estudos étnico-raciais Profas. Regimeire e Yarlenis *Entrega da atividade de Estudos étnico-raciais *Avaliação de Estudos étnico-raciais
10/08 Reposição da aula (Sábado) de Estudos étnico-raciais e avaliação substitutiva	11/08 Visita Quilombo da Fazenda – Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	12	13/08 Visita Rancho Caiçara – Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	14	15/08 Visita Caçandoca Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	16
17/08 Visita Aldeia Boa Vista – Estratégias de leitura e escrita – Profas Malu e Ana	18	19	20	21	22	23
24/08 Visita Aldeia Boa Vista – Estratégias de leitura e escrita – Profas Malu e Ana	25 Visita Quilombo da Fazenda – Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	26	27/08 Visita Rancho Caiçara – Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	28	29/08 Visita Caçandoca Estratégias de leitura e escrita Profas Malu e Ana	30
31/8 Entrega da atividade de Estratégias de Leitura, escrita e comunicação.						

Legenda:

	TCT - Tempo-comunidade-teórico - 4h/aula - 4 presenças
	TCp - Tempo-comunidade-prático - 8h/aula - 8 presenças
	TCp - Tempo-comunidade-prático - REPOSIÇÃO - 8h
	TCi - Tempo-comunidade-de-interação 4 +4 + 4 =12 h/aula - 12 presenças
	TU - Tempo-Universidade - 16 horas/aula - 16 presenças
	As datas do Tempo-universidade serão acordadas com o grupo no dia 02/06/2025

Orientações importantes!

1. Não se ausente em nenhuma das atividades, nosso curso é todo presencial;
2. Use os espaços coletivos e presenciais para tirar suas dúvidas com a coordenação e as/os docentes;
3. Leia, fale e escreva sobre os conteúdos – use o caderno - Diário de práticas;
4. Consulte essa **Trilha de acompanhamento** e consulte o calendário das aulas várias vezes ao longo do quadrimestre;
5. Antes de começar cada componente leia o **plano de ensino** do que será trabalhado. Ele está na página do curso. É importante chegar aos espaços de ensino-aprendizagem “sabendo” o que virá pela frente;
6. É importante saber os nomes dos docentes que são responsáveis pelas atividades, os nomes dos componentes e do que cada um está tratando e respeitá-los/la durante as atividades;
7. Leia todos os textos indicados, faça anotações durante as aulas e durante as leituras, anote suas dúvidas e leve para os espaços de aula para compartilhar com o grupo;
8. Quando receberem docentes ou estudantes da turma em sua comunidade, mostre qual o modo de vida, interesses e práticas da sua comunidade;
9. Organize semanalmente nas pastas seu material de estudo e as datas de entrega das atividades;
10. Faça você mesma/o seus trabalhos e, quando precisar de apoio pedagógico, peça aos docentes e coordenação. Não use recursos de inteligência artificial.

Coordenação Local PARFOR-Equidade-UFABC - Profa. Vicentina Gabriel do Prado Azevedo

Coordenação Institucional PARFOR-Equidade-UFABC - Profa. Suze Piza

Coordenação Curso LEC Ciências Humanas e Sociais - Profa. Regimeire Oliveira Maciel

Capa e arte do Diário de Práticas - Cristiano Braga

Coordenação ampliada composta por discentes do curso e apoiadores do programa



**NÚCLEO DE ESTUDOS
AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS**

Universidade Federal do ABC